

Violência Escolar na Perspectiva de Diretores: **teoria versus prática**

Beatris Cristina Possato Gianei

Resumo

Este artigo apresenta ao leitor a súmula de uma pesquisa realizada em 2000 e 2001, com cinco diretores do Ensino Fundamental Público de Rio Claro. Realizou-se entrevistas das quais extraiu-se dados referentes às representações dos diretores com relação  violência e às ações adotadas nas escolas desses sujeitos, para se amenizar a problemática. A análise dos dados conduziu ao conhecimento de um quadro precário nas escolas selecionadas, onde a prática da exclusão ainda é muito empregada.

Palavras-chave: *violência, diretores, educação e exclusão.*

Abstrat

This article shows to the reader the summary of a research realized in 2000 and 2001, with five directors of the Fundamental Public Teaching of Rio Claro. Realized interviews of what to extracted informations concernings at representations of the directors with relation at violence and at actions adopted in the schools of these persons, to calm down the problematic. The analysis of the informations conducted to knowledge of a precarious situation in the selected schools, where the pratic of the exclusion is very employed yet.

Key-words: *violence, directors, education and exclusion.*

Introduo¹

Acontecimentos da realidade brasileira justificam a realização de um estudo sobre violência. Verifica-se uma preocupação constante, circundando a sociedade brasileira e as autoridades competentes, com as proporções que as manifestações violentas têm assumido no país.

Essa realidade conduz ao sentimento de insatisfação com a vida em sociedade e, ao mesmo tempo, cada fato, cada acontecimento que se toma conhecimento, motiva uma reflexão coletiva, na tentativa de se amenizar e melhor compreender a violência vivida.

A violência, no entanto, não deve ser identificada, simplesmente como violência física.  possível identific-la igualmente, na intolerância  diferena, na busca da padronização dos comportamentos, no aniquilamento das individualidades e em outras formas com que veladamente tem se apresentado e que, muitas vezes, desencadeiam outras manifestações violentas.

Do mesmo modo, na realidade escolar, os problemas relacionados à violência, vêm elevando-se drasticamente e apresentam-se com diversas roupagens. Manifestações violentas têm, muitas vezes, conduzido escolas a se transformarem em grandes fortalezas na tentativa de proteger-se contra os agentes externos. De maneira semelhante, regras rígidas e disciplinadoras têm sido utilizadas para controlar as ações internas da escola.

Na opinião de Teixeira, a escola, assim como a sociedade, convive com as situações potencialmente geradoras de violência, que "são permanentes, e não apenas

conjunturais" (1998, p.60). Esse "estado" ou "condição" de violência que a escola vive hoje, passa a ser um elemento permanente da cultura escolar, constituindo a marca dessa socialidade dominante. Portanto, o sentimento de insegurana e o imaginário do medo produzem a "cultura da violência" na escola atual.

Guimarães (1996) expõe que as regras e códigos rígidos de conduta não são a melhor forma de se amenizar a violência. Torna-se necessário encontrar maneiras de conduzir a violência de modo a canalizá-la e integrá-la a outras práticas sociais e simbólicas da escola, transformando-a em uma violência fundadora².

Na escola puni-se e vigia-se na tentativa de padronizar comportamentos. A boa disciplina  recompensada por promoções, ocupando-se lugares mais altos nas hierarquias. Ao mesmo tempo, a punição rebaixa e degrada, levando os indivíduos a padronizar suas aptidões e seus comportamentos, tornando-se subordinados.

Os que não se adaptam aos padrões vigentes são estigmatizados e excluídos, muitas vezes, enviados para outras instituições que continuarão a legitimar as técnicas de controle e homogeneização. Não apenas as escolas encontram na vigilância e na punição, um modo de planificar os comportamentos dos indivíduos. De acordo com Teixeira, as instituições são criadas "para controlar, domesticar e reeducar o diferente: escolas de todos os tipos, reformatórios, prisões, asilos, manicômios, etc., medidas que não fazem mais que alimentar o imaginário do medo" (1998, p.54).

Seguindo essa racionalidade do poder, a escola trata de maneira igual os desiguais e ambiciona transformá-los

¹ Dedico esse artigo  professora Dra Débora Mazza, agradecendo por sua colaboração, orientação e amizade.

² A violência fundadora é a violência que exhibe a destruição e concomitantemente, a fundação construindo o novo. Ela torna-se reconstrutora na medida em que estimula o pluralismo e desequilibra o uno.

em seres similares. Raramente busca-se o ensino contextualizado, que visa a realidade e o cotidiano do aluno. A escola pretende que seus alunos alcancem os objetivos que ela estabeleceu como ideais, esquecendo-se das aspirações e expectativas dos alunos. Os conteúdos ensinados não são programados em função de quem aprende, não se relevando a realidade cultural do educando, promovendo uma seleção desigual, tal qual a injustiça social.

Dentro desse sistema, a escola passa a ser a incitadora da violência, ao submeter seus alunos a pressões constantes, à subordinação, fazendo-os modelos do ideal dominante e utilizando a punição e a promoção com o intuito de igualar, aferir os desvios, destacando e degradando as diferenças.

Em sua prática cotidiana, ao não acolher a heterogeneidade, a escola não tem atuado de maneira democrática, prejudicando as mínimas possibilidades de êxito escolar, que grande parte da população desfavorecida poderia ter.

Frente a essa realidade, o presente estudo procurou conhecer a prática escolar com relação à problemática da violência. Para tanto, escolheu-se como sujeitos representativos da pesquisa os diretores. Os objetivos da pesquisa eram:

Descrever as opiniões de diretores do Ensino Fundamental, sobre a violência e os caminhos que eles delineavam para amenizar o problema;

Apresentar quais as atitudes e ações tomadas pela direção, com relação à violência e quais eram os problemas mais frequentes nas instituições;

Analisar as representações e ações dos diretores com relação à violência escolar.

A Pesquisa

Realizou-se um estudo de caso, tendo em vista colher as opiniões de diretores do Ensino Fundamental do município de Rio Claro, a respeito da violência.

Para escolher esses profissionais, os dados foram coletados junto à Secretaria de Educação e à Delegacia de Ensino, entrevistando professores não efetivos (que escolhiam suas classes anualmente) e supervisores. Obteve-se, segundo esses depoimentos, uma amostra intencional das cinco escolas do Ensino Fundamental onde os problemas com violência eram mais intensos ou apareciam mais frequentemente.

O processo de coleta de dados foi feito por meio de entrevistas semi-estruturadas com os diretores das cinco escolas da amostra intencional. Foram propostas questões referentes a seu entendimento sobre violência, com relação à participação dos alunos em atividades extracurriculares e sobre a participação da comunidade na escola.

A escolha dos diretores das escolas como sujeitos para a pesquisa ocorreu pelo fato de terem eles, devido a seu posto, uma visão mais abrangente da instituição e por serem alvos representativos ou direcionadores da política escolar.

Os cinco profissionais entrevistados eram de escolas de três regiões periféricas do município de Rio Claro. As escolas foram nomeadas como: escola A, escola B, escola

C, escola D e escola E.

A escola A de Ensino Fundamental I e II, localiza-se na região noroeste do município. Funciona nos períodos matutino e vespertino, atendendo a quase 500 alunos, com uma média de 33 alunos por sala. O diretor da escola A trabalhava a menos de quatro meses como diretor nessa instituição.

A escola B de Ensino Fundamental I e II localiza-se na região norte do município. Funciona nos períodos matutino e vespertino. Matriculados estavam quase 800 alunos, possuindo uma média de 35 alunos por sala de aula. Antes de ocupar o cargo, o diretor da escola B, era professor na mesma instituição e há mais de catorze anos atuava na administração dessa escola.

As escolas C, D e E localizam-se em bairros periféricos da cidade, na região sudoeste do município.

A escola C de Ensino Fundamental I funciona nos períodos matutino, vespertino e noturno, com quase 800 alunos, atendendo uma média de 35 alunos por sala. O diretor da escola C removeu-se para a instituição em novembro de 1999, assumiu em fevereiro de 2000 e confirmou que se removeria novamente no final do mesmo ano, para uma instituição mais próxima de sua casa e menos violenta. Segundo o entrevistado, a duração média de um diretor nessa instituição era de dois anos.

O prédio da escola D não era tão grande quanto o da escola C, mas atendia a quase o mesmo número de alunos (770 alunos). A escola funcionava nos três períodos: matutino, vespertino e noturno. Era uma escola de Ensino Fundamental II atendendo a quase 40 alunos por sala. Na escola D, também ocorreram essas trocas constantes de diretor. O que atuava no momento da entrevista havia trabalhado como professor na mesma instituição, assumido como diretor em outras instituições e agora havia sido remanejado para a escola D.

A escola E era uma escola de Ensino Fundamental I, com quase 350 alunos matriculados. Funcionava em dois períodos: matutino e vespertino, atendendo de 30 a 33 alunos por sala. O diretor da escola E trabalhava há catorze anos na mesma escola. Lecionava, desde sua formação, nos bairros próximos e já havia trabalhado na escola D como professor.

Resultados e discussão

Coletados os dados das entrevistas, procurou-se analisar como os diretores entendiam as causas da violência, as manifestações violentas na escola e quais eram os procedimentos adotados por eles com os alunos considerados violentos.

Para três diretores entrevistados, as causas da violência encontravam-se na ausência da família nuclear (os diretores a nomearam de “família desestruturada”). Dois diretores apontaram como causas da violência, os maus exemplos vistos pelas crianças em seu cotidiano. Um diretor identificou a briga por namorados, referindo-se a um caso específico, como causa da violência.

Apareceram como manifestações de violência, em três depoimentos, as agressões verbais de alunos contra professores e outros alunos. As agressões físicas de alunos

contra alunos foram destacadas por todos os diretores. As agressões físicas de alunos contra professores já se manifestaram em duas escolas da amostra. A depredação escolar foi citada em apenas um depoimento.

Para amenizar as manifestações violentas, três escolas adotaram procedimentos semelhantes. Inicialmente conversava-se com o aluno. Quando o aluno ainda mostrava-se violento, os pais eram convocados a comparecerem na escola e a se conscientizarem do problema do filho. Na persistência do ato violento, os procedimentos mudavam. Em uma das escolas o aluno poderia ser suspenso e, nas demais, ele poderia ser encaminhado ao Conselho Tutelar.

Um diretor relatou que o procedimento adotado por ele era tratar bem o aluno violento. Outro diretor apontou como melhor procedimento a expulsão do aluno, por meio do Conselho de Escola.

Os diretores entrevistados, em sua maioria, acreditava que as manifestações de violência observadas no interior da escola fossem reflexos da sociedade. Para eles, a violência nascia no exterior da escola, especificamente na família do aluno violento, para manifestar-se por agressões verbais e físicas no seu interior. Nessa dinâmica, não havia o reconhecimento da escola como fonte de violência.

No entanto, inúmeras pesquisas, têm demonstrado a escola atuando violentamente, de maneira simbólica, ao impor uma cultura que, muitas vezes, distancia-se da cultura e do contexto social de seus alunos. A violência por parte da escola evidencia-se nas práticas disciplinares que visam à padronização, à neutralidade das diferenças individuais, conduzindo à submissão e à adaptação. Práticas estas que puderam ser apreendidas no decorrer dos depoimentos dos diretores, além da discriminação e da exclusão.

Confirma-se assim que a escola, como parte da sociedade, recebe a violência vinda de fora, mas também a gera nas relações que ali se estabelecem.

Na tabela 1 é possível observar que todos os diretores acreditavam que as causas da violência por parte do aluno eram inteiramente externas à escola. Contudo, as manifestações da violência se davam no interior da mesma, afetando seus sujeitos: alunos, professores e demais funcionários, inclusive os diretores.

As formas de se lidar com a problemática eram diversas, entretanto, em sua grande maioria, os métodos utilizados para melhorar o comportamento dos alunos considerados violentos, visavam, na verdade, à repressão e à exclusão. Poucos foram os depoimentos de procedimentos que conduziram os alunos à ritualização, isto é, às manifestações que possibilitem dar corpo aos laços que unem as pessoas, ainda que de forma conflitual.

A gênese da violência ocorre igualmente no professor, embora a maioria dos diretores preferisse velar esse fato. Para a grande parte dos entrevistados, o professor nunca é violento.

Sabe-se, no entanto, que como parte integrante da instituição escolar, o professor, muitas vezes, possui em sua formação, traços da dominação e do controle que a escola impõe a seus alunos. Da mesma forma, o professor é violento por representar uma autoridade. “Não há exercício de autoridade sem o emprego de violência, e, em certa medida, não há o emprego de violência sem o exercício da autoridade” (AQUINO, 1998, p.15).

Apenas dois diretores admitiram que em sua instituição havia professores violentos. Os demais negaram ou atribuíram ao esquecimento a justificativa da questão. Dessa forma, dois diretores não se “lembraram” se existiam ou não professores violentos na sua instituição.

Para três diretores, as causas da violência do professor encontravam-se no aluno. Destacavam a petulância, a falta de educação, o desrespeito, agindo juntamente ao estresse profissional, de maneira a fazer com que o professor chegasse a irritar-se e tornar-se violento. Em um dos depoimentos, apontou-se que a violência por parte do professor, gerava-se na deficiência de sua formação profissional e no descontentamento com a profissão. Para outro diretor, as manifestações violentas do professor encontravam-se na incapacidade de controlar-se e de separar os problemas pessoais dos profissionais.

Em todos os relatos, as manifestações violentas por parte do professor eram verbais. Para alguns diretores, a agressão verbal não consistia em violência e, por esse motivo, não existiam professores violentos.

Para três diretores entrevistados, se a violência se

Tabela 1. Quadro de situações consideradas violentas pelos diretores entrevistados, tendo como ponto de partida as atitudes dos alunos

Diretor	Causa	Efeito	Procedimento
Escola A	Brigas por namorados.	Agressões verbais de alunos contra professores e outros alunos. Agressões físicas de alunos contra alunos.	Tratar o aluno bem.
Escola B	Falta da família nuclear.	Agressão física de alunos contra colegas. Depredação da escola.	Exclusão.
Escola C	A convivência com a violência e em alguns casos a violência familiar.	Agressões verbais de alunos contra professores e outros alunos. Agressões físicas de alunos contra alunos.	1o.) Encaminhamento e atendimento pela Orientadora Educacional ou pela direção. 2o.) Conversa com os pais. 3o.) Acionamento do Conselho Tutelar.
Escola D	Falta da família nuclear. Maus exemplos dos pais. Violência vista na televisão.	Agressões físicas de alunos contra professores e outros alunos.	1o.) Controle mais rígido da disciplina. 2o.) Conversa com os pais. 3o.) Suspensão 4o.) Acionamento do Conselho Tutelar..
Escola E	Falta da família nuclear.	Agressões verbais e físicas de alunos contra alunos e professores.	1o.) Encaminhamento à diretoria 2o.) Conversa com os pais. 3o.) Suspensão.

Tabela 2. Quadro de situações consideradas violentas pelos diretores entrevistados, tendo como ponto de partida as atitudes dos professores

Diretor	Causa	Efeito	Procedimento
Escola A	Petulância do aluno.	Agressões verbais do professor contra os alunos.	Conversa.
Escola B	Incapacidade de separar os problemas pessoais da vida profissional.	Agressões verbais do professor contra os alunos.	1o.) Conversa 2o.) Levar o problema ao Conselho de Escola 3o.) Pedido para que seja feito um Boletim de Ocorrência.
Escola C	Falta de amor à profissão Prática tradicional Falta de experiência. Formação deficitária	Agressões verbais do professor contra os alunos.	Advertência oral, orientações de como solucionar os problemas em sala de aula e acompanhamento do trabalho do professor.
Escola D	Estresse da vida do professor. Falta de controle ao ser ofendido pelos alunos.	Agressões verbais do professor contra os alunos.	Conversa
Escola E	Desrespeito por parte do aluno. Falta de paciência. Estresse da vida do professor.	Agressões verbais do professor contra os alunos	Conversa

excedesse, o professor que agiu violentamente, dialogaria com o diretor para que tudo se resolvesse. Para outro diretor, numa situação em que o professor agisse violentamente, se o diálogo não resolvesse, seria acionado o Conselho Tutelar e, se o caso fosse mais sério, procurar-se-ia a Delegacia de Polícia. Um diretor apontou em seu depoimento, que com o professor com atitudes violentas, assim como com o aluno, deveria ser realizado um trabalho que o orientasse a ter atitudes diferenciadas.

Os depoimentos, em sua maioria, demonstraram que a violência do professor dificilmente é admitida (tabela 2). No entanto, quando ela não pode ser negada, imediatamente a justificam. Quando a violência era do aluno, atribuíam-se a família a culpa por suas atitudes. Quando a violência é do professor, a culpa continua a recair no aluno e em sua família. A vítima é transposta para o banco dos réus.

Para Maffesoli (1981), a violência é um elemento estrutural do fato social, tornando-se um fenômeno constante na vida dos homens. Dessa forma, a violência presente nas instituições, principalmente após o advento da sociedade capitalista, irá se caracterizar pela planificação e o controle da vida social, cabendo à educação regular as emoções, os comportamentos, os impulsos e a imaginação dos indivíduos.

Por meio dos depoimentos, observou-se que, além do domínio e da autoridade, ocorrem por parte dos professores agressões concretas que foram imediatamente justificadas como necessárias pelos diretores e não foram recriminadas.

Para Aquino a ação do professor é sempre violenta. O autor coloca que “sempre que nos posicionamos perante um outro na qualidade de representantes hierárquicos de determinada prática, seja com o intuito que for, estabelecemos uma relação, a rigor, violenta” (1998, p.14). Para ele, são violentas as ações de se tentar transformar ou conservar uma determinada situação ou um estado das coisas, por

meio da força e do ímpeto. Ou seja, obrigar alguém a fazer algo, pode ser definido como constrangimento. Dessa forma, a ação dos professores, caracteriza-se como violenta porque assimétrica.

Buscou-se que os diretores definissem o conceito de violência, para melhor compreender suas atitudes na escola.

Na tabela 3, nota-se que algumas conceituações justificam as atitudes e os procedimentos tomados com alunos, professores e funcionários. Existem conceituações coerentes, que demonstram a preocupação dos profissionais em compreender a violência. Outras, porém, apresentam um triste quadro de desconhecimento do que seja a violência, relacionando-a apenas às suas manifestações físicas, ou restringindo-a à violência pessoal.

A incompreensão da violência, de sua definição e de sua dinâmica, pela maioria dos diretores, aduziu ao problema funcional do diretor na escola. Este assume o papel de burocrata e administrador e se esquece de seu “eu-pedagógico”.

Da fala dos diretores apreende-se que a violência pode ser percebida, por um lado, na repressão homogeneizadora que esquadrinha os indivíduos e, por outro lado, pelas suas manifestações na escola, reações brutais ou resistências passivas, que procuravam subverter o instituído. Depredações, agressões, desacatos, foram exemplos existentes em todas as instituições.

Nessas situações, as medidas punitivas utilizadas pela grande maioria dos entrevistados, tinham por objetivo a exclusão.

Historicamente, a escola resolvia suas questões por meio da exclusão. Depois das imposições dos ciclos, não se podendo disciplinar ou dominar os alunos por meio das notas, professores e diretores enfrentaram o desconhecimento de como suportar e que comportamentos exigir dos que anteriormente seriam excluídos. Hoje a exclusão ainda

Tabela 3. As definições de violência elaboradas pelos diretores entrevistados.

Diretor	Definições de violência (trechos retirados dos depoimentos)
Escola A	“Tudo que excede os direitos dos outros”.
Escola B	“Violência é quando a pessoa invade fisicamente a outra”.
Escola C	“Violência é tudo aquilo que agride, tanto fisicamente como moralmente ou emocionalmente”.
Escola D	“Falta de estrutura em todos os aspectos emocional, psicológico... a pessoa não consegue se dominar e acaba por agredir outra pessoa”.
Escola E	“É todo ato que fere alguém, onde um indivíduo tem a intenção de agredir outro, física ou psicologicamente. Na escola ela é quase sempre física”.

ocorre, porém é dissimulada. Nas entrevistas, viu-se a exclusão agindo por meio dos Conselhos de Escola, da força externa policial atuando na escola, da coação aos pais e da reprodução da discriminação social na escola.

O autoritarismo apresenta-se com um novo vestuário, mas não deixa de existir. Aquele que não consegue adequar-se ao sistema acaba por ser ignorado, marginalizado e expulso dele voluntariamente.

Esses indivíduos que foram excluídos da escola acabam retornando a ela. Os diretores fizeram alusão a traficantes, a invasores externos que perturbavam a tranquilidade escolar. Esses agentes externos são na maioria das vezes ex-alunos da própria instituição.

Os excluídos da convivência escolar continuam vendo a Escola como uma instituição social de referência e passam a construir formas variadas de aproximação, de querer viver o existir que lhe foi negado.

Para Adorno, a escola apresenta-se ao indivíduo delinqüente de duas formas: pela ausência ou pela exclusão violenta.

A escola é um horizonte distante e ao mesmo tempo familiar. Distante porque nunca se constitui em espaço efetivo de realização social. A luta pela sobrevivência cotidiana não comporta investimentos em um futuro incerto e não sabido. Familiar, porque espaço de aprendizado da violência. A escola brasileira expulsa seus tutelados por meios sutis, porém poderosos mecanismos (1994, p.70).

Ao indicar a retirada do indivíduo violento da escola como um procedimento adequado, os diretores abalizaram não somente a sua exclusão, mas também a discriminação, o preconceito e um possível encaminhamento desse indivíduo a outras instituições que resolvessem seu problema.

Os mais estigmatizados pelos diretores foram os alu-

nos do ensino noturno. Esse ensino traz os excluídos pela sociedade que passam a ser re-excluídos pela escola. Para a maioria dos diretores entrevistados, o fechamento do ensino noturno resolveu em grande parte o problema da violência em suas escolas. Mas, na verdade, negou ao aluno trabalhador seu direito à educação.

Nos depoimentos da maioria dos diretores, reproduzem-se falas que se aproximam ao pensamento neoliberal. Observa-se a equidade, mas não a igualdade. O indivíduo tem o direito à educação, no entanto, não lhe restam oportunidades para usufruí-la e os diretores acreditam que isso seja o mais correto. Lança-se ao indivíduo, a culpa pelo seu insucesso.

As soluções idealizadas pelos diretores para a problemática da violência davam ênfase à vigilância e à segurança (tabela 4). A vigilância da escola pelos pais, a vigilância pela polícia.

Outras soluções visavam à responsabilização dos pais pelos atos dos filhos. Os problemas da escola continuaram a recair sobre os pais. Apenas um diretor indicou o caminho da Gestão Democrática, da busca interna de soluções para os problemas internos.

Embora as pesquisas mais recentes demonstrem que as soluções baseadas em rondas policiais, muros, grades, não têm fornecido um resultado tão concreto, segundo os depoimentos, a participação dos alunos e da comunidade ainda é muito restrita.

A maioria dos diretores preferiu encontrar no exterior da escola uma forma para abrandar a violência.

Apenas no depoimento do diretor da escola C houve a preocupação de apresentar uma proposta que formasse um aluno cidadão, com a participação não apenas dos sujeitos escolares, mas de toda a comunidade à qual a escola

Tabela 4. Soluções para combater a violência sugeridas pelos depoimentos dos diretores entrevistados

Diretor	Sugestões de como amenizar o problema da violência
Escola A	Exclusão dos grupos externos e vigilância da escola pelos pais.
Escola B	Exclusão dos grupos externos e vigilância da escola pelos pais; Distribuição das responsabilidades da escola entre todos que nela atuam.
Escola C	Comprometimento com a Proposta Pedagógica da escola, envolvendo alunos e comunidade na busca de soluções para o problema.
Escola D	Ensinar o respeito em casa.
Escola E	Vigilância pela polícia; Conscientização dos pais de sua responsabilidade pelos filhos.

pertenciam. Entre cinco entrevistados, apenas esse apresenta coerência, no sentido de buscar recursos no interior do trabalho escolar para encaminhar ocorrências de violência escolar.

Considerações provisórias

Pelos depoimentos dos diretores, evidenciou-se que a problemática da violência apresenta-se de forma complexa, disforme e, na maioria das vezes, oculta. Alguns aspectos puderam ser levantados na tentativa de interpretar os fatos relatados, demonstrando as manifestações visíveis e invisíveis da violência no âmbito escolar.

Observou-se que as escolas não sabem conviver com a diferença. Não percebem ou não desejam perceber a heterogeneidade de formas de pensar, viver e agir existente ao seu redor. Buscam moldar indivíduos a um padrão modular de ação social e aos comportamentos que elas acreditam ser ideais.

O conflito torna-se inevitável, sendo sempre prejudicados aqueles que não são enquadrados. A exclusão, a negação do diferente, a diminuição do indivíduo, são procedimentos adotados pelas escolas, mas que não resolvem o problema da violência.

Analisando as entrevistas, percebe-se que as soluções que a escola necessita para o quadro da violência, inicia-se no diálogo constante com todos os envolvidos no processo escolar. Diálogo este, que deve estimular alunos e comunidade a tornarem-se críticos, conscientes de sua realidade, de suas diferenças e dos esforços por uma convivência institucional inclusiva.

Para Freire (1987), o que importa realmente é ajudar o homem a ajudar-se. É fazê-lo agente de sua própria recuperação. É pô-lo numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas. Educação que o colocaria em diálogo constante com o outro.

A partir desse diálogo constante, os alunos poderão ser estimulados a aumentar a auto-estima, evitando-se a discriminação, respeitando-se a individualidade, os conhecimentos prévios e a capacidade de interpretação do contexto social. Proporcionar atividades que desenvolvam a cooperação e a integração entre os educandos. A escola deve ser um espaço para o diálogo, para a construção de uma relação solidária entre os sujeitos diferentes e assimétricos. Ela deve fornecer subsídios para a promoção do debate constante em sala de aula, objetivando um espaço de reflexão e diálogo sobre a problemática que permeia nossa sociedade. Nesse debate devem ser incluídos diretores, professores, funcionários, pais, alunos e comunidade. Com o aluno considerado violento sempre é necessário que se busque as causas e se dialogue, antes de aplicar-lhe uma punição.

Torna-se necessário fazer da escola um local de prazer, incentivando a descoberta, as pesquisas, atividades que vão de encontro aos interesses e necessidades dos educandos.

Da mesma forma, os jogos de parceria, atividades esportivas e culturais (música, dança, teatro) proporcionam ao educando o desenvolvimento de suas habilidades. Numa sociedade individualista, é fundamental o combate à solidão em que o ser humano tem vivido. As atividades grupais são uma forma de desenvolverem-se regras de convivência,

companheirismo, troca de experiências e opiniões.

É essencial a integração da comunidade e da escola, não se esquecendo do respeito à comunidade e a sua cultura. A relação entre escola e comunidade deve dar-se de maneira combinada, fraterna e solidária. A comunidade, quando está envolvida com a escola, quando reconhece sua importância, participa de suas decisões, faz o possível para que ela se conserve e evolua.

No caso dos alunos, reconhece-se que as atividades expressivas (artísticas, culturais), auxiliam na busca da identidade e da auto-estima do educando, minimizando mecanismos de negação e de exclusão que ocorrem na sociedade. O educando quando respeitado e convidado a participar criativamente constrói formas de participação significativa. O aluno que não se sente excluído, que acredita em sua capacidade, que se reconhece como integrante da sociedade, dificilmente se apresenta como um perigo para a escola.

Isto não significa que a violência foi extinta, mas que a escola tem como buscar formas de ritualizar a violência, de canalizá-la, proporcionando espaços onde os alunos possam “estar-juntos” e juntos, construírem suas expressões.

A pesquisa realçou pontos negativos presentes na instituição escolar e na visão dos educadores que a representam. Atitude que pode parecer desagradável, mas de extrema importância, se esses pontos forem refletidos para a melhoria da escola pública. Os educadores têm acreditado que “o inferno são os outros”, esquecendo-se de como a escola tem agido com relação à violência e como tem sido violenta.

A violência como estrutural à sociedade, não pode ser eliminada. Isso não significa que se deva aceitá-la passivamente. Ela poderá sim, ser ritualizada, negociada, buscando-se compreendê-la, refletindo sobre suas modulações e as possíveis intervenções que a escola poderá fazer para se desviar da violência sanguinária³.

Espera-se que estas reflexões mobilizem os sujeitos envolvidos no processo pedagógico para processos coletivos e participativos de encaminhamento da violência escolar.

Referências bibliográficas

ADORNO, S. A socialização incompleta: Os jovens delinquentes expulsos da escola. *Caderno de pesquisa*. São Paulo: Cortez, n. 79, novembro, 1991. p.76-80.

_____. Violência: um retrato em branco e preto. In: GROSBAUM, E.; ALVES, M.L.; MARTINS, A.M. (Org.). *Violência, um retrato em branco e preto*. São Paulo: FDE, 1994. (Idéias, 21). p.17-26.

ARENDT, H. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

³ A violência sanguinária para Maffesoli, seria a manifestação do lado perverso da potência. A violência cruel e sangrenta. As manifestações agressivas e sanguinárias de uma civilização que não obteve meios de ritualizar sua violência.

- AQUINO, J.G. A violência escolar e a crise da autoridade docente. In: GUIMARÃES, A.M. (Org.) Na mira da violência. A escola e seus agentes. *Cadernos Cedes*. São Paulo: Editora UNICAMP, 1998, n. 47. p.7-19.
- CANDAU, V., et al. *Escola e violência*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir, nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- FREIRE, P. *Educação como prática da Liberdade*, 18ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FUKUI, L. Estudo de caso de segurança nas escolas públicas Estaduais de São Paulo. *Caderno de pesquisa*, São Paulo, n. 79, p.68-75, nov.1991.
- GOMES, H.S.R. *De que famílias vêm nossos alunos?* In: SERBINO, R.V.; GRANDE, M.A.R.L. (Org.). *A escola e seus alunos: estudos sobre a diversidade cultural*. São Paulo: Editora Unesp, 1994. p.81-90.
- GUIMARÃES, A. M. *A dinâmica da violência escolar: conflito e ambigüidade*. São Paulo: Autores Associados, 1996.
- _____. A Escola e a Ambigüidade da Violência. *Revista Idéias*, São Paulo, n.12, p.51-66, 1992.
- _____. (Org.) O cinema e a escola: Formas imagéticas da violência. In: GUIMARÃES, A.M. (Org.) Na mira da violência. A escola e seus agentes. *Cadernos Cedes*, São Paulo, n. 47, p.104-113, 1998.
- _____. *Vigilância, punição e depredação escolar*, Campinas: Papirus, 1988.
- GUIMARÃES, E. Crônica do cotidiano escolar. Violência e escola. *Educação & Sociedade*, São Paulo, n. 38, p.81-90, abril, 1991.
- MAFFESOLI, M. *A violência totalitária*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- MAZZA, D. Decifra-me ou devoro-te. *A violência no contexto escolar*. Bolema:Boletim de Educação Matemática, Rio Claro, v.13, n. 14, p. 32-50, 2000.
- MEDRADO, H. Formas contemporâneas de negociação com a depredação. In: GUIMARÃES, A.M. (Org.) Na mira da violência. A escola e seus agentes. *Cadernos Cedes*, São Paulo, n.47, p.81-103, 1998.
- MICHAUD, Y. *A violência*. São Paulo: Ática, 1989. (Série Fundamentos).
- PERALVA, A. Escola e violência nas periferias urbanas francesas. *Revista Semestral Temática de Ciências Sociais e Educação*, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p. 7-25, set. 1997.
- SPÓSITO, M.P. A instituição escolar e a violência. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo: Cortez, n. 79, novembro, 1991 São Paulo, julho, 1998. p.58-75.
- TEIXEIRA, M.C.S.; PORTO, M.R.S. Violência, insegurança e imaginário do medo. *Caderno Cedes*. São Paulo, n. 47, p.51-66, dez. 1998.
- WHITAKER, D. Violência e escola. In: GROSBAUM, E.; ALVES M.L.; MARTINS, A.M. (Org.) *Violência, um retrato em branco e preto*. São Paulo: FDE. Diretoria Técnica, 1994. p. 27-36. (Série Idéias, n.21).

Beatris Cristina Possato Gianei

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- Campus de Rio Claro.

Pós-graduanda da Faculdade de Educação da Unicamp
e-mail: biagianei@ig.com.br

Rua 13 n.538 - São Benedito Rio Claro – SP

Cep: 13 500-120
